



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

ANO 15.º

SÁBADO, 1 DE JANEIRO DE 1972

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

AVENÇA

N.º 771

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254

LISBOA — TELEF. 361839

FARO — TELEF. 22322

AVULSO 2\$00

BREVE APELO NO NOVO ANO

UM ano que começa é sempre um raio de esperança para aqueles que não perderam completamente a fé e alguma coisa aguardam ainda da vida.

Que podemos esperar todos nós, algarvios, neste início de 1972? Maior compreensão para a nossa realidade social por parte dos dirigentes, melhores soluções para os vastos problemas que diariamente se nos deparam em todos os sectores, uma mais profunda identificação com o panorama da nossa Província que se vem agravando progressivamente.

Quem poderá travar aquilo que começou mal? Ou quem poderá emendar as curvas sinuosas que cada vez mais se vão acentuando? Há situações que acabam por solidificar-se, embora todos concordem que não deveriam manter-se. Algo de semelhante se passa, infelizmente, com o Algarve no que respeita à exploração turística. Errar é mau, mas insistir no erro parece muito pior ainda.

O tempo julgará os responsáveis, mas entretanto fará também as suas vítimas.

Hoje, no começo dum novo ano,

uma coisa desejamos ardentemente: não nos tirem o pouco que nos deixaram, não piorem ainda mais a vida de cada um!

Neste apelo quase desiludido, valendo o que nos resta de esperança, de amor por esta terra e de revolta

contra as sistemáticas manobras comerciais a que temos sido sujeitos nos últimos anos.

E para quê, afinal? De que valeu o sacrifício se continuamos a mendigar tudo aquilo a que temos direito?

O PLANO GERAL DE APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS DO ALGARVE PODERÁ TRANSFORMAR ESTA PROVÍNCIA NUM DOS MAIS IMPORTANTES SECTORES ECONÓMICOS DO PAÍS

por Joaquim Francisco da Encarnação Sequeira

ESTEVE no local da futura barragem de Odelouca o ministro das Obras Públicas, eng.º Rui Sanches, que apreciou «in loco» o prosseguimento dos trabalhos destas obras, que darão ao nível sócio-económico do Algarve em geral e de Silves em particular, uma nova dimensão, pois delas resultará não apenas uma maior produtividade dos solos, através da adaptação ao regadio de muitos milhares de hectares, que em sequeiro, dado o baixo índice de produção, torna-

(Conclui na 6.ª página)

O MUNICÍPIO DE VILA REAL DE SANTO ANTONIO EMPENHA-SE NA EXPANSÃO DE MONTE GORDO



A CÂMARA Municipal de Vila Real de Santo António, aprovou a elaboração do seu projecto urbanístico de urbanização de Monte Gordo.

O estudo, cuja maquete foi apresentada ao ministro das Obras Públicas na sua recente visita à Vila Pombalina, abrange uma área de cerca de 11 hectares situada a norte das zonas recentemente construídas, desde a Rua Pedro Álvares Cabral até ao actual Parque de Campismo, em terrenos que na quase totalidade são pertença do Município.

São apontadas no importante projecto, as zonas de reserva, cujo aproveitamento só será considerado quando a expansão da povoação o justificar, em futuros estudos de urbanização; e os espaços livres, que só poderão ser utilizados a título precário, para esplanadas ou outras formas de exploração, comercial ou não, de carácter público.

No que respeita a moradias isoladas, poderão ser construídos edifícios com o máximo de dois pisos, com área coberta que não exceda 20% da área do lote, não sendo permitida a construção de quaisquer anexos. Quanto a agrupamentos habitacionais, a Câmara fornecerá o anteprojecto-tipo das construções, definindo o número de pisos, condições gerais de ocupação e o carácter arquitectónico exterior daquelas. Os projectos de apartamentos deverão respeitar as condições de implantação definidas no plano, designadamente quanto à

(Conclui na 6.ª página)

Real de Santo António, aprovou a elaboração do seu projecto urbanístico de urbanização de Monte Gordo.

A ESTRADA É PARA TODOS MAS NEM TODOS SÃO PARA A ESTRADA

III

por Manuel Faria

Novas instalações da Comissão Regional de Turismo

DEVIDO ao extraordinário desenvolvimento que têm vindo a conhecer, os serviços da Comissão Regional de Turismo do Algarve passaram a funcionar num amplo imóvel na Rua Eng.º Duarte Pacheco, n.º 20 (frente à Praceta Coronel Pires Viegas), em Faro.

O Posto de Recepção e Informações continua junto ao Arco da Vila, em zona de grande concentração turística e o «Plano de Obras» (Infra-estruturas Turísticas do Algarve) mantém-se na Rua Rebelo da Silva (Palácio da Junta Distrital).

FACTOS E IMAGENS

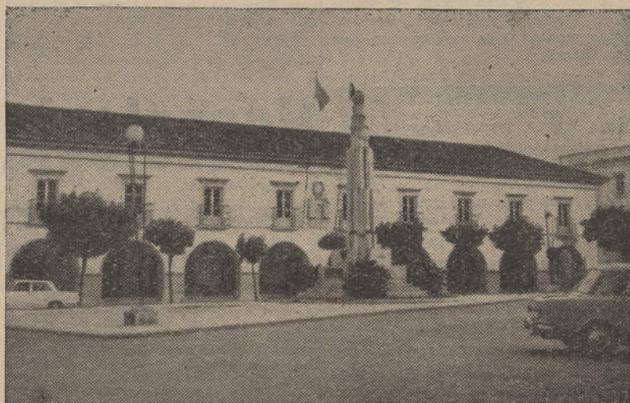
LEMBRANÇA PARA O ANO NOVO

A FALTA de cuidado, traduzida em muitos casos, por excessos de velocidade; descontrolo das luzes a dar origem a encandeamentos; ultrapassagens na pior altura, em especial próximo de curvas ou lombas, está na origem, entre outros factores, da mortalidade que continua a registar-se nas nossas estradas e a contribuir para o empobrecimento do País, quer pelas vidas que se perdem ou inutilizam, quer pelos estragos de ordem material que acompanham tais perdas.

Para tentar atenuar esta autêntica ceifa de seres e haveres, abundam nos jornais, bem à vista do leitor, circunstanciados relatos dos acidentes, sempre que possível

acompanhados de fotografias bem esclarecedoras, focando em especial a amálgama de destroços que resultou de veículos que em si levavam esperanças ou utilíssimas vidas e que acabaram por transformar-se em portadores de morte. Parece porém que este sistema pouco resultado oferece, uma vez que

(Conclui na 3.ª página)



TAVIRA NO TRILHO DE UM NOVO CAMINHO

por Ofir Chagas

HÁ cerca de dois meses, em viagem de trabalho feita ao norte do País, falando na Câmara Municipal de Coimbra, o ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, entre outras, fez as seguintes afirmações: «Parece-me indispensável que na presidência, na vereação, no conselho municipal, nas comissões municipais e nos serviços das Câmaras haja uma só preocupação: a valorização dos concelhos, a de servir o seu povo, a de dignamente representar a sua gente de modo a que esta se reconheça com-

prometida através do Município a que pertence, não só nos interesses próprios da sua terra como nos grandes e permanentes interesses da Nação».

Elucidativas são estas palavras do ministro do Interior, ao frisar quanto representa para uma melhor estabilidade de todos os sectores nacionais a acção de uma boa e exemplar administração local, baseada na análise serena e objec-

(Conclui na 6.ª página)

O AERÓDROMO DA AZEDA APRESTA-SE PARA SERVIR O SOTAVENTO ALGARVIO

TEM 800 metros de comprimento praticável (que pode estender-se aos 1500 metros) e 30 metros de largura, a pista do novo aeródromo que se espera venha a servir Vila Real de Santo António, Castro Marim e pela relativa proximidade, os empreendimentos turísticos de Tavira. Situa-se no socal da Azeda, como o local é popularmente conhecido, próximo do sítio da Aldeia Nova, e não muito distante da Estrada Nacional 125.

Porque o terreno da pista era por natureza alagadiço, tornou-se necessário transferir para ele milhares de metros cúbicos de terra apropriada ao respectivo pavimento, terra que a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António cedeu amavelmente. Para o indispensável hãgar, que se prevê tenha 24x12 metros quadrados, importando em cerca de 300 contos, foram já abertos os alicerces.

A pista, como está, permite a aterragem normal de bimotores, dispondo de uma placa de estacionamento com 50x40 metros quadrados, que chega à vontade para acomodar 30 aviões de pequeno porte. Não tem problemas de acesso e possui excelente aproximação, sem cabos de alta tensão nem elevações de terreno nas imediações, susceptíveis de fazer perigar as aeronaves, ao descolar ou aterrar.

A «descoberta» e valorização deste aeródromo sotaventino, deve-se aos dirigentes do Aeroclube de Faro, que ao terem conhecimento da existência da pista, então rudimentar, logo se aperceberam do seu interesse para as terras em cujas imediações se situa e respectivas promoções de ordem turística. Nas obras de beneficiação despendeu o Aeroclube, até agora, mais de 200 contos, parte dos quais ainda não

(Conclui na 6.ª página)

NO 22.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTÓNIO ALEIXO UM POETA DO POVO E DO TRABALHO

por Ezequiel Ferreira

«QUEM TRABALHA E MATA A FOME»

ANTÓNIO Aleixo, no dizer judicioso do prof. Magalhães, era um «bom». Certamente. Um «bom», porquanto era incapaz de prejudicar alguém; punha a honestidade de processos e de pensamentos acima de tudo; era bem comportado; nunca incitava à revolta; e, quando atacava era de frente que o fazia, sem cobertura na retirada, e com as únicas armas que possuía: as do seu engenho poético, repentinista e satírico. Mas inofensivo, de certo, porque não seria capaz de pegar em armas para lutar contra a miséria que o atormentava, nem de — para matar a fome, a própria ou a dos filhos — roubar um pão a quem quer que fosse; muito embora essa incapacidade não o im-

pedisse de ver primeiro (e acima de tudo) o homem que o ladrão naquele que rouba para comer (e à sombra de quem, muitas vezes, proliferam dezenas de ladrões disfarçados), como na quadra, a Domingos Louzeiro, «Já lá vai preso o ladrão».

Era um «bom», mas isso não o impedia de ver claramente os graves problemas do seu tempo e do seu povo, e de dar, acerca deles, a sua clara opinião. E é, sobretudo pelo que há de profunda observação e esforço de entendimento na opinião de Aleixo, que ainda hoje, e cada vez mais, apreciamos a sua poesia, não como um fenómeno folclórico próprio «do povo que canta», mas como uma genuína criação artística, expressão de génio de um homem do povo que, da sua ligação aos outros homens, e da noção crítica que tem dessa ligação, retira a seiva e o timbre do seu canto. Como já um dia escreveu Jacinto Martins na revista «Vértice», «Aleixo traz bem chegada a si essa condição terrena de filho do povo», e os seus versos são «a sua linguagem sintetizada, são reacções manifestadas por si em poesia (...), são sempre o homem e a sua voz fiel, — aqui mostrando como era, ali apontando como viveu». (1)

Homem doente e sem dinheiro, pai sem pão para os filhos, numa

(Conclui na 5.ª página)

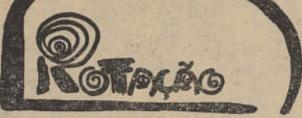
@ saúde é a maior riqueza

O TABACO

Muitas pessoas julgam que o fumo não lhes faz mal, porque nada sentem e ignoram as alterações que se estão passando na intimidade do organismo. Quando estas se tornem evidentes, é às vezes tarde de mais para combatê-las.

Não espere até que o fumo lhe cause males irreparáveis. Abandone o vício sem perda de tempo.

(Conclui na 6.ª página)



Eduarda Araújo Ferreira

reveste-se outra coisa em tuas mãos colhidas
retira-se o meu espaço e fazem suas vidas
os que nas casas fazem suas vidas.

dá-me um mês de goivos por entre uma janela
dá-me o pez dos passos da vida amarela
e outra cola clara que admira os olhos
dá-me canela sílica na nata
e os folhos dum bibe irreversível.

lembra-me o útero quieto que se inaugurou
diz-me a viscera da espera,
e o corpo que inundou
dá-me um copo de leite
que me aceite os dentes.

dá-me a febre dá-me a febre da corrida da vida
e diz-me com sossego como tive medo com razão
e diz-me com sossego como tive medo da razão
e diz-me o livro de cor e saltado
diz-me o cansaço depois de ter saltado
diz-me o brinquedo e como tive medo com razão.

CORREIO de LAGOS

1971 — Balanço negativo

Desejariamos que Lagos marcasse no sentido positivo, mas, se a memória não nos falha, 1971 só nota negativa assinalou.

As obras da Rua Lima Leiteiro, só têm provocado desolação; a interrupção do marco fontanário do Bairro da Senhora da Glória (vulgo Bairro da Abrota) que vem dando azo a clamores não só dos que não têm condições para despendir importâncias em instalações privativas, como dos que, afastados do bairro, ficam inibidos de abastecimento para os seus gastos caseiros e dos animais que empregam nas explorações agrícolas; o poço de Almadena que servia os mais carecidos da povoação, e os de arredores, sem probabilidades de abastecimento de água canalizada, aguardando limpeza e cobertura condigna; as poucas instalações sanitárias que a cidade conta, sem assistência, e, regra geral, fechadas quando mais falta fazem; o hospital em obras, só servindo para despendir dinheiro com pessoal que na maior parte nada faz, visto só o serviço de secretaria se manter em reduzida escala; a zona da Ribeira das chadas com instalações sanitárias tantas vezes por nós defendidas, com parecer favorável dos que presidem, mas emperadas pela burocracia de sempre atada por pessoas de Lagos que não conseguindo para sua glória atingir fins previstos, não hesitam em agir para evitar que outras os consigam; a Avenida dos Descobrimentos, regra geral com aspecto pouco dignificante, visto que o único homem que actua no tratamento das plantas e árvores que tanta, ser muitas vezes distraidão para conta, ser muitas vezes distraidão para trabalhos não sempre considerados de urgência e interesse; a casa onde nasceu Júlio Dantas adquirida pela Câmara da presidência do lacobrigense José Ferreira Canellas, com vista à instalação da Biblioteca Museu Júlio Dantas, com tal aspecto de abandono que vem sendo motivo de reparos que nos envergonham; o edifício da Escola Conde Ferreira destelhado há tempo com vista a obras para instalação de filarmónica apresentando aspecto de propriedade abandonada quando tal colectividade carece de verdade de instalações que se prestem a condigna escola de música; e o mercado municipal com falta de rebocos e calçada por estar previsto novo mercado local contíguo para o efeito desde que outro não surja em zona oposta.

Entim, um não mais acabar de coisas negativas, sem que algo se possa citar de positivo, visto o pouco que neste sentido se visa estabelecer, sim como o Bairro parece pescadores, mas poder considerar-se duvidoso de utilização próxima dado o usual desinteresse pelo que possa contribuir para o verdadeiro progresso de Lagos.

Para fortalecer a Esperança, todos os amigos do clube são poucos

Vem estas linhas a propósito do afastamento das lides desportivas da Esperança, de alguém que consideramos verdadeiro amigo do clube. Trata-se do ferrenho desportista que todos nós conhecemos por «Fiscaliza» e que mesmo contrariado algumas vezes, tem acompanhado com interesse os treinos dos mais jovens, preparando-os assim para uma vez atingindo a maioridade, darem o seu contributo para a valorização do futebol desportivo que, dedicado para nós o melhor, parece ser o preferido pelas massas, atraindo centenas de milhares de pessoas às localidades onde se realizam desafios de maior nomeada.

«Fiscaliza», porque é daqueles desportistas que trabalha por actos de administração contrários ao que a prática aconselha, e talvez por isso pediu a sua demissão do cargo de treinador dos juvenis, sobrecarregando assim o 1.º sargento Portuna, que, dedicado ao futebol, não poderá ir para a contento juvenis e juniores, visto os seniores, dada a posição pouco vantajosa na III Divisão, chegarem para dar que fazer ao treinador contratado pelo clube, que não vivendo de outra coisa tem de ser compensado com importâncias incompatíveis com as receitas do clube.

Estão pois as coisas na Esperança em posição contrária à vontade da maioria dos sócios e porque estamos convencidos que nestes ainda se contam amigos desportistas do clube, alguns até capazes de convencer o «Fiscaliza» a retomar a sua actividade, que em breve nos seja dado referir algo de animador na vida do único clube que pratica futebol e é, portanto, motivo de atracção não só para os lacobrigenses adeptos da modalidade, como para muitos estrangeiros ao meio que realizando excursões para acompanharem os seus jogadores vem dar vida à cidade nos dias de desafios oficiais.

Convívio de sargentos

Em 22 do mês findo, tomámos parte no almoço de confraternização entre sargentos do C. I. C. A. 5 e reformados do Comando Militar de Lagos, que se ficou devendo ao comandante da Região Militar de Évora. Presentes o comandante do C. I. C. A. 5, e esposa, comandante da G. N. R., e esposa e algumas pessoas de família dos sargentos que tomaram parte no convívio. Foi dado ao signatário, o mais velho dos sargentos presentes, o uso da palavra, e sem qualidades oratórias, mas animado da vontade de despertar para melhor que se impõe, recordou convívios anteriores, salientando o de 2 de Fevereiro de 1968, presidido pelo general Correia Barreto, no qual tomaram parte militares de todas as classes e famílias. Referiu que os últimos

convívios, ainda que distinguindo classes, são de molde a contribuir para mais união entre os componentes das mesmas, e assim se poderá fortalecer a família militar no sentido de incutir nos que para assegurarem o nosso património ultramarino têm de sofrer privações, coragem para as enfrentar. Salientou que sendo a hora de sacrifícios, os dispêndios em que convívios desta natureza importam podem ser compensados pelo amor fraternal que é de admitir se fomenta quando estão presentes as causas que interessam ao progresso da humanidade.

Finalmente, e porque justo se lhe agradeceu demonstrar gratidão pela entidade a que se ficou devendo o convívio, propôs que fosse enviado telegrama ao comandante da Região Militar de Évora, o qual foi redigido nos seguintes termos: «Sargentos activo e reformados reunidos almoço confraternização integrado Festa Natal presidido comandante C. I. C. A. 5, recordando V. Ex.ª formulamos votos prosperidade Exército português e lembramos quantos no Ultramar lutam defesa património ultramarino».

O comandante do C. I. C. A. 5 agradeceu a presença de quantos tomaram parte no convívio e referiu não haver propósito de distinção de classes, mas que não se dispunha de sala espaçosa como a que outrora serviu para o convívio de 2 de Fevereiro de 1968.

Bensafim e Barão de S. João vão ter água canalizada?

Foi-nos grato registar a comparticipação de 200 contos aos Serviços Municipais de Lagos para abastecimento de água a Bensafim e Barão de S. João, povoações que pela ordem natural das coisas deveriam ser preferidas aos sítios do Sargçal e Colinas Verdes.

Estas, com diminuto número de vendas, e Sargçal com água em relativa abundância, era natural esperarmos que as povoações citadas fossem abastecidas, de preferência, mas em Lagos, desde tempos remotos se tem pecado por preferências nem sempre justificáveis, atendendo-se os que mais podem em prejuízo dos que menos podem. É questão de dinheiro e se uma empresa para seu benefício arrisca uns contos de réis, a preferência facilmente se justifica, porque o metal vil e sonante continua, infelizmente, a marcar posição em quase todos os actos da vida social.

Como julgamos a verba comparticipada relativamente pequena para o abastecimento às povoações em causa, oxalá tudo se encaminhasse no sentido da concretização de tal melhoramento, visto o mesmo poder calar os que, como nós, dariam preferência aos aglomerados mais populosos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Notícias de LOULÉ

Bom Ano Novo para todos

A VIZINHA-SE a chegada de 1972.
E, como a mulher que espera um filho, começam-se a esboçar todas as interrogações que se relacionam com o caso. Na nossa mente começam a florir esperanças, a rair inquietações, a recrear-se delusões.

Será um ano de fartura, ou de fome? Será de renascimento para as letras e para as artes, será negativo ou construtivo, será de guerra ou de paz, será um ano em que a humanidade se sinta mais fraterna, bondosa, unida e solidária ou um ano de desavenças, de histerismos, ou violências sem conta?

Caminhamos para as grandes descobertas dos cientistas que melhorando os meios de ataque e cura de doenças até hoje conhecidas como devastadoras da humanidade, que aprofundando causas e razões de sofrimento e de dor e lhes conseguindo dar alívio ou lenitivo ou, pelo contrário, a ciência criará meios mais terríveis de matar, devastar, exterminar ou aleijar?

Tudo tão difícil de prever e tudo tão fácil de conceber.

Estamos no limiar de um novo mun-

Cartório Notarial de Lagoa

A cargo da licenciada Catarina Maria de Sousa Valente

Justificação

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas A-29, de folhas 60 verso a folhas 62 verso, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada em 21 de Dezembro de 1971, na qual João Vieira Guerreiro e mulher, Aurora Maria Nunes, casados no regime de comunhão geral de bens, naturais desta freguesia de Lagoa, com residência habitual em Almada, na rua Raul Flores, 13-A, se declararam, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do prédio

Factos e imagens

(Conclusão da 1.ª página)

o trágico noticiário dos desastres de automóvel ou motoreta se tornou quotidiano e a lista negra engrossa de dia para dia, tornando-nos campeões desta competição indesejável cuja meta, que jamais se alcança, vai sendo o fim de mais umas vidas.

A par das notícias da Imprensa, surgem as campanhas de limitação de velocidade, os avisos da Televisão e da Prevenção Rodoviária e a fiscalização das estradas, sem que os nefastos efeitos tendam a diminuir, talvez porque o muito que se diz e faz não tenha força bastante para chegar às mentes das futuras vítimas, mentes que na altura azada se encontrarão plétóricas de energias, aptas para vencer tudo e todos nas «fáceis» lides da condução, ou que, toldadas pelos vapores do álcool, nem sequer saberão escolher o caminho que as levaria a bom porto.

No oceano de sugestões tendentes a diminuir o caudal da inesgotável fonte de lutos e prejuízos que é o trânsito automóvel, vimos deitar também, neste começo de um novo ano, a nossa gota de água que, afigura-se-nos poderia representar alguma ajuda, no aspecto psicológico, para o amplo objectivo em vista. Seria possível passar a completar as notícias jornalísticas respeitantes aos causadores de acidentes rodoviários, com a menção do número de anos da sua carta ou licença de condução, da entidade que outorgou uma ou outra e do número de quilómetros registados até ao dia do desastre?

Afigura-se-nos que valeria a pena tentar, pois que tais elementos, além do facto em si, obrigariam muitos condutores a pensar, na ocasião, um pouco mais neles próprios e nas vidas que por vezes lhes são confiadas.

C. da R.

rústico, sito em Carvoeiro, freguesia e concelho de Lagoa, composto de terra de semear com amendoeiras, a confrontar do norte com estrada, do sul com António Cândido da Silva e António Piscarreta, do nascente com António Cândido da Silva e do poente com António Marreiro. Inscrito na matriz predial respectiva, em nome do justificante marido, sob os artigos 3 761, 4 140, com o valor matricial total de 2 620\$00, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Silves.

Os justificantes alegam na referida escritura que adquiriram o direito a metade do referido prédio na partilha, não reduzida a escritura pública, por morte de seu irmão António Vieira Guerreiro, solteiro, maior, residente que foi no sítio de Carvoeiro.

Que por falta do título de partilha não têm eles possibilidades de comprovar por meios normais a aquisição do referido direito.

Está conforme.

Cartória Notarial de Lagoa, 28 de Dezembro de 1971.

A Ajudante,

Maria Cecília G. Pargana

Os Armazéns do Conde Barão celebram 25 anos de existência

Revestem-se de especial interesse as comemorações das bodas de prata dos Armazéns do Conde Barão, da conceituada firma Rodrigues & Gomes, Lda., cujo labor tem merecido louvores, pois trata-se de uma das mais perfeitas organizações comerciais do País.

Os Armazéns do Conde Barão, foram fundados em 21 de Dezembro de 1946, tendo hoje valiosos estabelecimentos, instalados não só em Lisboa, como em Queluz, Algés, Moscavide, Vila Franca de Xira e Cascais. O primeiro estabelecimento teve a inauguração no Largo do Conde Barão, 42, onde ainda funciona. Em Novembro de 1949 fez-se a abertura da primeira filial, junto ao mercado de Algés, em rua diferente daquela onde hoje se situa, na Rua Ernesto da Silva, 8, com o nome de «O Barateiro de Algés».

Data de meados de 1951, o alargamento das instalações da sede, com ocupação total do primeiro andar do edifício; em 27 de Outubro de 1952, foi inaugurada a segunda filial, junto ao mercado da Boa Hora, na travessa do mesmo nome, 49-A, a que foi dado o nome de «Hora Boa»; em 1 de Julho de 1955, foi a abertura da terceira filial, no populoso bairro de Campo de Ourique, 24-A e 24-B, com o nome de «O Barateiro de Campo de Ourique»; em 31 de Dezembro de 1956, a inauguração da 4.ª filial, a exemplo das anteriores, situada também junto do mercado municipal, na Rua General Taborada, 115, baptizada com o nome de «O Barateiro de Campolide»; em 1 de Abril de 1957, inaugurou-se a 5.ª filial, na Calçada do Combro, 91, que passou a ser conhecida por «Belopreço». Em Abril de 1959, foi inaugurada a primeira agregada: no coração de Lisboa (Largo Martim Moniz, 4), e sob a gerência dos A. C. B. foi aberto ao público o «Parque das Malhas», que mais tarde passou a ser armazém de venda, continuando, no entanto, a vender ao público em geral. Houve, depois, em 1 de Abril de 1961, a inauguração da sexta filial, novamente nos arredores de Lisboa, com o nome de «Armazéns de Queluz», junto ao mercado daquela vila, na Rua Mateus Vicente Oliveira, 48; e, em 30 de Março de 1963, foi inaugurada a segunda agregada, os «Grandes Armazéns de Moscavide», na Avenida Joaquim Dias de Sousa Ribeiro, 17-A e 17-B, que viria a ser aumentada com outro estabelecimento no n.º 15.

Trata-se, em resumo, de firma com organização aprimorada e uma actividade que bem merece louvores, justificando os 25 anos que agora festeja.

ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas e dois quartos de banho, esquentador, frigorífico, fogão a gás, roupas e louças, aluga-se no mês de Janeiro e seguintes em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA

Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora

DBPOSITOS - FARO telef. 23669 - TAVIRA telef. 294 - LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 154 - ALMANSIL telef. 34 - MESSINES telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

EST. TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM. É IND. S.A.R.L.
Tel. 01633 - Tel. 45308 / 09 - 4 Linhas - Caixa Postal 1 - 8.º de MESSINES - Algarve - Portugal

António Aleixo poeta do povo e do trabalho

(Conclusão da 1.ª página)

época em que a miséria atrai miséria... e todo o mundo parece desabar à sua volta, António Aleixo, todavia, não se deixa cegar pela dor nem pela desgraça que o consome; e é de pés bem fincados no seu rudo chão algarvio que reage e combate todos os fatalismos (de que o «Auto do Curandeiro» há-de ser a melhor demonstração) e rechaça todos os derrotismos com que vulgarmente se costuma enganar os pobres que sofrem.

Para António Aleixo não há sofismas nem fantasias que o tolham. Para ele, a causa dos seus males é bem clara, e di-lo francamente:

Quem trabalha e mata a fome
Não quem o pão de ninguém;
Mas quem não trabalha e come,
Come sempre o pão de alguém.

A capacidade de ver por dentro a realidade sócio-económica e de seguir o seu processo relativo, descobrindo e apontando as causas dos fenómenos que todos sofrem e poucos compreendem, é uma das características mais relevantes da inteligência artística de António Aleixo, e a que dá mais realce e mais pujança à sua poesia — poesia popular, porque feita por um homem do povo e para o povo, mas não porque tenha alguma coisa de comum — além da espontaneidade formal — com as quadras populares ou as glosas que o povo utiliza nos seus momentos de folgar ou sofrer.

Analisando a obra de António Aleixo numa sequência cronológica, segundo a ordem do aparecimento dos seus livros, verificamos que o poeta é um homem sensível e atento, não só à realidade que imediatamente, e de perto, o toca, mas também ao que se passa no mundo distante, e que, por consequência, não enjeita o empenhamento ideológico em relação aos problemas que os homens procuram resolver, e perante os quais é preciso tomar uma posição definida.

Assim, é com superior desdém e raiosa inquietação, que do seu Algarve — para uns «impressionista e mole», para outros tão mau de roer —, longe das grandes arenas políticas, Aleixo assiste ao desenvolvimento da crise político-social que arrastava a humanidade para a II Guerra Mundial, e adverte:

Vós que lá do vosso império
Prometeis um mundo novo,
Calai-vos que pode o povo
Querer um mundo novo a sério.

Mas os senhores do império não escutam a voz do poeta, e ao povo que o escuta não basta «querer um mundo novo a sério».

Vem, entretanto, a guerra, com

o seu cortejo de horrores. Aleixo segue, sofredor e revoltado, o curso de misérias e bestialidades em que, pouco a pouco, vai mergulhar o mundo inteiro. E, «embora os meus olhos sejam / os mais pequenos do mundo», não tem dificuldade em localizar as origens do mal e denunciar os seus efeitos monstruosos:

As águas de hoje na guerra,
Com os seus golpes traiçoeiros,
Queimam os pastos da terra,
Morrem de fome os cordeiros.

Da guerra os grandes culpados,
Que espalham a dor na terra,
São os menos acusados
Como culpados da guerra.

Por outro lado, em face dos jogos duplos e sujos, e das baixas traficâncias a que assiste, impotente e que à sua consciência de homem repugnava, Aleixo serve-se do seu estro-vara:

Fiz do meu estro uma vara
Para medir a verdade
E dar com ela na cara
Do cinismo e da vaidade;

para arrancar a máscara aos oportunistas sem escrúpulos, e expor à condenação do povo desavisado os rostos manchados dos verdadeiros culpados da guerra:

A guerra não lígues meia,
Porque alguns grandes da terra,
Vendo a guerra em terra alheia,
Não querem que acabe a guerra.

Mas, felizmente, a guerra acabou... E lá se vai a torre das ilusões simplistas, duplamente arquitectada no sofrimento e na esperança de uma radical mudança do sistema de vida. De entre as ruínas ainda fumegantes dessas ilusões, e contra as falsas promessas dos demagogos, ergue-se então a voz de António Aleixo, limpa e desmistificadora:

Falaste-me em liberdade
E eu pensei que era verdade.
Não conhecia o teu fraco...
Mas já deixei de ser bruto;
Não gosto do teu charuto,
Não fumo do teu tabaco.

Quem não reconhece neste «charuto» o velho leão inglês, o «fumo» Churchill, acérrimo defensor, depois da guerra acabar, das monarquias balcánicas e do colonialismo britânico?

Ezequiel Ferreira

O JORNAL DO ALGARVE vende-se, em Vila Real de Santo António, na Havaneza — Rua Teófilo Braga.

FRIEIRAS...

QUE FLAGELO!!!

Só as tem quem as deseja ter!

Usando «QUEIMAX» desaparecem-lhe em pouco tempo, mesmo as ulceradas.

À venda nas Farmácias

Terrenos para Construções

Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servidos por transportes colectivos, com grande futuro.

VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA

Retrada da Penha

FARO

Alexandre, Viegas & Gonçalves, Limitada

Certifico narrativamente, para efeito de publicação, que por escritura lavrada em 19 de Dezembro de 1971, de fls. 89 a 95, do competente Liv.º A-5 do Cartório Notarial de Tavira, foi constituída entre António Alexandre, João Carlos Cavaco Viegas, João Filipe dos Anjos Gonçalves, Maria Cândida Castela e Vítor Manuel Castela Alexandre, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «ALEXANDRE, VIEGAS & GONÇALVES, LIMITADA», com sede nesta cidade de Tavira, e estabelecimentos em Faro, Largo do Mercado, números de polícia 43 e 44, e em Lagos, Rua Lima Leitão, número de polícia 21; e sua duração é por tempo indeterminado, entrando, no dia 1 de Janeiro de 1972, em exercício. § único — Poderá a gerência instalar e montar sucursais e qualquer outra forma de representação bem como os estabelecimentos ou oficinas indispensáveis, onde e quando lhe pareça conveniente.

2.º

O capital social é de 500 000\$00 que corresponde à soma de 5 quotas dos sócios do seguinte modo:

Primeira de 225 000\$00, do sócio António Alexandre, realizada pela transferência que por esta escritura é feita para a sociedade dos seus estabelecimentos comerciais: a) O de confecções, lanifícios, chapelaria, camisaria, sapataria e miudezas, instalado no rés-do-chão com entrada pelos números de polícia 43 e 44 do prédio urbano, sito no Largo do Mercado, freguesia da Sé do concelho de Faro, pertencente a Filipe Martinho da Silva Pêra, inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo 3 009 com o rendimento colectável correspondente à parte do imóvel ocupada pelo estabelecimento de 10 800\$00 e pelo qual é paga a renda mensal de 3 000\$00; e b) O de confecções, lanifícios, chapelaria, camisaria, sapataria e miudezas, instalado na parte do rés-do-chão com entrada pelo número de polícia 21 do prédio urbano, sito na Rua Lima Leitão, freguesia de S. Sebastião, concelho de Lagos pertencente a Dr. José Francisco Coelho, inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo 2 249, com o rendimento colectável correspondente à parte ocupada pelo estabelecimento de 35 640\$00, e pelo qual é paga a renda mensal de 3 300\$00; e abrangendo este estabelecimento o armazém que lhe está anexo

3.º

O objecto da sociedade é o comércio de confecções, lanifícios, chapelaria, camisaria, sapataria e miudezas, podendo, no entanto, dedicar-se, ao exercício de qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios acordem e a lei permita.

4.º

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à sociedade os suprimentos de que ela necessitar mediante o juro e nas condições que se estipularem.

5.º

São livres entre os sócios as CESSÕES de quotas, no todo ou em parte. A cessão de quota a estranhos só poderá efectuar-se com prévio e expresso consentimento da sociedade.

6.º

A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos seguintes:

- Insolvência ou falência do sócio titular;
- Arresto, arrolamento ou penhora de quota;
- Venda ou adjudicação judiciais.

§ 1.º A amortização será realizada pelo valor da quota determinado pelo último balanço aprovado, a qual será paga em 5 prestações trimestrais e iguais.

§ 2.º Considera-se realizada a amortização com o depósito efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, à ordem de quem de direito, da primeira prestação correspondente ao valor da quota apurado nos termos determinados no parágrafo anterior.

7.º

A sociedade será representada em Juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios que desde já são nomeados gerentes sem ou com remuneração e compensação como estímulo a fixar em Assembleia Geral. Nos actos e contratos que envolvam responsabilidade para a sociedade a representação será feita por dois gerentes, sendo um sempre o sócio gerente António Alexandre, e o restante qualquer dos dois sócios João Carlos Cavaco Viegas e João Filipe dos Anjos Gonçalves, podendo estes e aquele delegar estes poderes num dos restantes dois sócios.

§ 1.º — Os actos de mero expediente poderão ser firmados apenas por um gerente.

§ 2.º — É proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao objecto da sociedade, tais como fianças, abonações, letras de favor ou outras semelhantes.

8.º

Fica expressamente permitida a divisão de quotas entre herdeiros de sócios, como convier entre si e for de direito, mas enquanto a quota estiver indivisa, ou não for adjudicada a um único herdeiro somente poderão os respectivos direitos ser exercidos em comum por um só dos herdeiros do sócio falecido, devendo estes nomear um que a todos represente.

9.º

As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de carta registada com a antecedência de 15 dias pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

§ único — A expedição de cartas nos termos do corpo deste artigo pode ser substituída pelas assinaturas dos sócios no aviso de reunião. Neste caso, a convocação não depende da mencionada antecedência.

Está conforme o original, nada havendo na parte não certificada do mesmo em contrário ou além do que aqui se narra e transcreve.

Tavira, 21 de Dezembro de 1971.

A Ajudante,

Maria Elete Teófilo Lopes
Dias Nobre



PRÓ ANO EU VOU...

Pró ano eu vou ver uma Fuseta diferente
Uma branca noiva do mar, bonita, sorridente
Cativante; avançando a golpes de audácia;
Conquistando terrenos ao mar para plantações de acácia!

Pró ano eu vou ver a Fuseta desbravando vinhais
E vinhais da lendária Atalaia;
Cantando odes à tia Amica na barra da sua saia!

Falei na barra? Oh, céus, A palavra proibida!
Quando se fala nela, a população fica queda e muda;
Transida;
E não há quem lhe acuda!

Pró ano eu vou ver a moderna avenida do parque
Regurgitando de carros com matrículas estrangeiras;
E na praça os géneros a subir
Nas bancas das vendeiras!

Pró ano eu vou ficar no cais a ver os barcos crescerem.
Hoje, já são traineiras;
Amanhã, se continuar a pescada aos monides
Serão arrastões!

É o progresso.
Progresso evidente em cada dia que passa:
Agora caçam-se pássaros na praça
Da República. — E bem feito (disse alguém)
«Os pássaros só servem para nos estragar o fato
Quando, depois de almoçarmos pato,
E bebemos o café na esplanada!»
— «Além disso — diz outro — dão-nos cabo dos ouvidos
Com a sua chilreada!»
— «Onde eu gosto de vê-los, é fritinhos à mesa.
Para o diabo a protecção à natureza!...»

Pró ano eu vou ver, pois, uma Fuseta sem passarinhos
Mas com alguns passarões;
E pelas valetas
Não mais correrão, como em certas ocasiões
Águas poluídas e pretas!

E, sobretudo, teremos uma terra
Devidamente electrificada;
Pois a instalação das luzes públicas
Está bastante antiquada!

Pró ano eu vou ver junto ao mar
Numa enorme extensão de areia fina e asseada
Uma mata salgada!

E, para apanhar verbigão e conquiilha
Vou ter passeadeiras na ilha.

Acabaram-se os encontrões, as topadas e os tropeções!
Alegrem-se ó gentes:
Não haverá mais dedos descabeçados
Pelos pregos salientes!
Ah, pró ano...
As águas límpidas do oceano
Polvilharão as epidermes de sal refinado;
E os corpos bronzear-se-ão de manhã ao sol-posto.
Será, pois, bem-aventurado
Aquele que tiver férias em Agosto!

Por tudo isto, juro à fé de quem sou
Que pró ano eu vou!...

Reis d'Andrade

FESTAS DE NATAL

Na Empresa Litográfica do Sul,
de Vila Real de Santo António

Decorreu em ambiente de alegria e camaradagem a festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados da Empresa Litográfica do Sul, de Vila Real de Santo António.

A antecedente a festa dos pequeninos, a administração da empresa homenageou os empregados que contam 20 e 10 anos de actividade, distinguindo-os com a oferta de emblemas em ouro e prata.

A sala encontrava-se vistosamente decorada, com árvore e outros motivos alusivos à quadra. Foram muitas as crianças que receberam brinquedos, roupas, guloseimas e balões, sendo também servido um lanche a todos os empregados e famílias, que teve a caracterização de um cunho de amistosa convivência, oferecendo às crianças momentos de alegria. A entrega das lembranças foi feita pelos administradores, acompanhados das esposas.

Na Casa do Algarve

Mantendo uma tradição de muitos anos, a Casa do Algarve em Lisboa, reuniu na sua sede os algarvios necessitados residentes na capital e arredores, para distribuição de um bode constituido por géneros alimentícios e agasalhos.

Durante o acto, o dr. Maurício Monteiro, presidente da direcção e Neves Franco, vice-presidente e secretário da comissão da beneficência, pronunciaram palavras alusivas à quadra natalícia. Seguiu-se a distribuição do bode a cerca de 500 algarvios, de que se encarregaram senhoras assistentes da comissão da beneficência.

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — OAV — SIMMS
MÁQUINAS ELECTRONICAS
PESSOAL ESPECIALIZADO
EXECUÇÃO RÁPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405
PORTIMÃO

VENDE-SE em Portimão

Fábrica de guanos, farinhas e óleos de peixe, situada no Bom Retiro com uma área de 500 m2 podendo servir para qualquer outro ramo.

Trata: Luís Benedito ou pelo telefone 22225 em Portimão.

Na Fábrica de Cerâmica do Algarve, Lda., em Mem Moniz (Paderne)

O Centro de Alegria no Trabalho dos Empregados da Faceal — Fábrica de Cerâmica do Algarve, Lda., realizou em Mem Moniz (Paderne), a tradicional festa de Natal.

Foram distribuídos brinquedos e chocolates aos filhos dos empregados e lembranças a estes.

Houve baile e variedades em que actuaram os artistas José Augusto e Jerónimo.

Na P. S. P. em Faro

Reuniu largas dezenas de participantes a festa natalícia promovida pelo Comando Distrital da P. S. P. Presentes também individualidades de relevo na vida da Província. Houve distribuição de brinquedos e agasalhos aos filhos dos agentes da corporação, seguindo-se um lanche, que serviu de pretexto para ampla confraternização.

Do C. A. T. da Câmara Municipal de Faro

Muitas dezenas de crianças, filhas dos empregados da Câmara Municipal de Faro assistiram no Cinema Santo António à Festa de Natal, promovida pelo Centro de Alegria no Trabalho. Presidiu o sr. Marciano Nobre, presidente da direcção do C. A. T. que se referiu ao significado da festividade, seguindo-se a distribuição de brinquedos e lembranças.

O sócio Feliciano Parreira, dos serviços de limpeza, recebeu um prémio pela sua abnegação na defesa da vida de uma criança.

A parte recreativa foi preenchida com a projecção de filmes e a actuação do Teatro de Fantoches do Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve.

Ed. Paquete Nunes

Agente Técnico Engenharia Construção Civil, Estradas, Águas, Esgotos e Minas.
Proj. Const. e Resp. Técnicas.

LISBOA

R. Abade Faria, 34-2.º, Dto. — Telefone 710548
QUARTEIRA

R. Vasco da Gama, 79 — Telefone 65335

Vende-se

Terreno próximo da estrada Algoz-Guia e entre Algoz e Tunes denominado Serro de Água.

Tratar com J. G. Calado — Rua Pedro Nunes, 7-A-1.º — FARO.

Mais de 40 anos de experiência...

Em feridas infectadas
FURÚNCULOS E ANTRAZES
PASTA "SANO"
CONTRA A FURUNCULOSE
LABORATÓRIO "SANO," K. N. GAM
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.

Lavandaria Lavex

Estrada de S. Luís, n.º 46 — Telef. 22790
FARO

Comunica ao Ex.º Público que se encontra aberta e apta para resolver todos os problemas do seu vestuário e roupa em geral, dentro dos mais modernos processos de limpeza. E muito se preza em bem servi-lo.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 771 — 1-1-72

EDITAL

2.ª PRAÇA

ÚNICA PUBLICAÇÃO

DOMINGOS FELICIANO MOISÉS, Juiz Auxiliar do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos do Concelho de Vila Real de Santo António.

Faço saber que no dia 12 do mês de Janeiro pelas 10 horas na sede da Firma Sopomar, Lda. nesta vila, se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido dos bens abaixo designados penhorados a Sopomar Sociedade de Mármore Portugueses, Lda. para pagamento de quinze mil quatrocentos e oitenta e cinco escudos e sessenta centavos, mais as custas devidas, proveniente dos Impostos de Circulação e Compensação 3.º Trim. de 1971.

BENS PENHORADOS

Uma máquina eléctrica e automática, que se destina a cortar pedra, marca B. Barsanti, com o respectivo charrier para apoio e deslocação da matéria a cortar, accionada por motor tipo 132M n.º 267529, cujas características são: KW-7,5 HP 10, R. P. M. 2880, V 220/380. Esta máquina e seu conjunto, encontram-se em bom estado de conservação, e vão à praça pelo valor de 20 000\$00 (vinte mil escudos).

Para constar se passou o presente e outros de igual teor que se mandaram afixar nos lugares do estilo.

Vila Real de Santo António, 23 de Dezembro de 1971.

E eu, António José Vargas Branco, escriturário o subscrevi.

O Juiz Auxiliar,

Domingos Feliciano Moisés

Arrenda - se

Casa comercial, bem afreguesada, sita na Cova da Onça, junto à Estrada Nacional Faro-Olhão, por o proprietário não poder estar à testa. Trata o próprio.



Há muitas razões para você preferir Foskamónio

É um adubo químico composto. É um adubo completo, e por isso mesmo, é muito mais eficaz. É adequado aos solos portugueses: foi estudado especialmente para eles. Há um Foskamónio para cada solo. Há um Foskamónio para cada cultura: milho, batata, arroz, árvores de fruto, vinha, tomate. No fim da colheita, é que se vê o que se ganha a mais... melhores frutos, maiores lucros, porque Foskamónio é próprio para os solos portugueses.

GRANULADO
10 por cento de azoto
10 por cento de fósforo assimilável
10 por cento de potássio

FOSKAMÓNIO

Siga o melhor caminho... com Foskamónio

Aproveite a assistência técnica gratuita da C. U. F.

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora **POÇAS**
DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 62287
PORTIMÃO telef. 23685-MESSINES telef. 45306/07/08/09

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.ºS TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.ª, S.A.R.L.
Telex 08233-Teleg. Teof-Telef. 45308/09-4 Linhas- Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES-Algarve-Portugal

Notariado Português
1.º Cartório Notarial de Lisboa
Rua dos Douradores, 135-2.º

A cargo do Notário Luís Martins de Campos Ferreira

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada em dezoito do corrente mês, exarada desde folhas sete a folhas nove, do livro número A-cento e oitenta, de escrituras diversas, deste cartório, se encontra uma escritura de justificação notarial, na qual Dona Ana Maria Anselmo, solteira, maior, natural da freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, com residência habitual na Rua de Campolide, número cento e vinte e cinco, segundo andar, lado direito, em Lisboa, se declara com exclusão de outrém, dona e legítima possuidora, de uma porção de terreno murado, próprio para construção, com a área de sessenta e nove metros quadrados, situado na Rua João de Deus, da Vila, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, a confrontar do norte, com José Pedro da Costa, do sul com Maria Isabel Alves, do nascente com Cesário Rodrigues e do poente com a Rua João de Deus, inscrita na respectiva matriz sob o artigo mil trezentos e trinta, com o rendimento colectável de oitocentos e sessenta e quatro escudos, de que resulta o valor matricial de dezassete mil duzentos e oitenta escudos, a que atribui o de quarenta mil escudos e não descrito na Conservatória do Registo Predial de Vila Real de Santo António.

Homenagem em Faro ao comandante e ao comissário da P. S. P.

No Hotel Eva, em Faro, decorreu um almoço de homenagem e despedida aos srs. capitão António Jacques Favre Castel Branco Ferreira e Artur Jesuino da Cruz, respectivamente, comandante distrital e 2.º comissário da P. S. P. Ambos deixam agora as suas funções neste distrito, o primeiro para prestar nova comissão de serviço no Ultramar e o segundo por haver sido promovido a 1.º comissário e ir chefiar os serviços policiais em Elvas.

O almoço decorreu em ambiente de franco convívio, tendo alguns elementos da corporação enaltecido as figuras dos homenageados, que no final agradeceram.

Carecem de reparação as bombas dos poços de Alcoutim

Pede-nos um leitor que chamemos a atenção das autoridades para o estado em que se encontram as bombas de alguns poços de Alcoutim, as quais carecem urgentemente de ser reparadas, pois impedem o normal abastecimento de água por parte da população.

Aqui deixamos o reparo, convencidos de que irá ser atendido.

Está conforme ao original, e declara-se que na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Lisboa, vinte e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e um.

O Ajudante,
Georgette Simões Barata

Vende-se

Terreno com projecto aprovado na Rua Cândido dos Reis, n.º 56, em Vila Real de Santo António.

Trata: Café Pescador, na mesma vila.

EMPREGO

Ex-furriel miliciano regressado do Ultramar, com o curso completo de montador electricista, carta de condução, alguns conhecimentos de escritório e desenho, deseja emprego compatível.

Resposta a este jornal ao n.º 14 930.

ESPAÇO DE TAVIRA
PARABÉNS, CACHOPO!

CONFORME notícia inserta no número anterior do Jornal do Algarve, o ministro das Obras Públicas, durante a sessão de trabalhos a que veio presidir na Câmara Municipal, resolveu a favor da construção total da ligação rodoviária com Cachopo, que se vem arrastando por um número de anos que muito se aproxima da centena.

O presidente da Junta Autónoma de Estradas referia números que se relacionavam com a inacabada via, valor aproximado da obra e necessidade de revisão do projecto já existente, mas o ministro não o deixou acabar:

— Dê-se andamento ao assunto, de maneira a que se possa iniciar a obra ainda em 1972.

Pois aqui está a frase que vai pôr termo ao tão falado, solicitado, requerido e ambicionado melhoramento, pois decerto ninguém esquece o benefício constituído pela ligação directa com Tavira, não só para aquela freguesia como para as regiões vizinhas. Encurta-se a distância em cerca de metade, dando-se possibilidade às gentes de Cachopo de conviverem mais de perto com a sede do concelho, e à respectiva região de ser mais favorecida com melhoramentos, protecção oficial, ou transaccional mais eficientemente os seus produtos.

Para além do que ao longo de todos estes anos fora falado, organizara-se desta vez uma petição ao presidente da Câmara, em que não faltaram as assinaturas dos habitantes e naturais da freguesia, representações do comércio e indústria do concelho e de todos os tavrinses de boa vontade, que assim quiseram apadrinhar a velha aspiração. A petição acompanhada portanto de várias centenas de assinaturas, solicitava o apoio do presidente do Município e a intercessão junto do Presidente do Conselho, ministro das Obras Públicas e governador civil. Assim aconteceu e o documento foi entregue ao ministro, verificando-se extraordinária receptividade por parte das entidades que sobre o mesmo se debruçaram. Ajudou portanto, e bastante, à favorável resolução, o interesse posto na questão pelos tavrinses, que o presidente do Município interpretou a contento.

Mais despacho, menos despacho, projecto ou revisão, mais mês menos mês, estamos certo de que se não deixará de fazer agora a conclusão desta via, e que o prometido será cumprido. E, embora possa parecer antecipado, aqui estamos a felicitar Cachopo por ter sabido esperar, por ter chegado a hora da justiça e do reconhecimento do valor da região serrana na economia regional. cremos que esta notícia merece bem o título de excelente prenda de Natal, desejando para já, podermos estar presentes na inauguração da obra e que não passem efectivamente muitos natais sem que tal aconteça.

L. H.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

a China, certamente procurará apoio junto dos jovens países africanos, dos asiáticos e de alguns socialistas, que hesitam entre Moscovo e Pequim. Quanto à União Soviética reconsidera as suas ligações com o resto do Mundo e aproxima-se a passos largos do Ocidente.

Os velhos litígios do Médio-Oriente e do Vietname continuam à espera de solução, atingido este ano o seu ponto culminante em virtude das anunciadas negociações de paz entre árabes e israelitas e da retirada dos soldados americanos do Sueste Asiático.

Por seu lado, Nixon prepara o grande golpe para a sua reeleição com a apregoada visita a Pequim. Jamais uma viagem de político foi tão bem preparada e alvo de tão intensa campanha de propaganda. Nunca se esperou tanto de uma simples visita que acaba por ser um contacto protocolar. Nixon que tem sabido conquistar o seu lugar — já o classificam como o «homem do ano» nos Estados Unidos — retomou lentamente o cargo de «leão» do Ocidente depois das espetaculares manobras económicas e monetárias que puseram o dólar em confronto com o ouro e com outras moedas fortes como o marco e o iene.

O ano de 1972 verá a solução desta crise que abalou a economia mundial e ainda a integração da Grã-Bretanha no Euromercado que lançou também o Reino Unido à beira de uma outra crise.

No entanto, dois graves problemas continuam a preocupar o Mundo para os quais parece ainda não se vislumbrar uma solução: a Irlanda e o Paquistão. Ali uma luta fratricida divide os homens numa autêntica campanha terrorista que nem sequer encontra possibilidade de entendimento entre os governos. No subcontinente asiático, mantém-se vivo o problema dos milhões de refugiados do Paquistão Oriental que, embora de regresso já aos seus lares, vão encontrá-los devastados. A fome e a doença continuam a subsistir, sob a bandeira indiana ou sob a do Bangla Desh. Além disso, a luta política vai continuar e o novo país enfrentará as dificuldades habituais para conseguir subsistir.

Estes são alguns dos graves problemas que o ano de 1972 poderá

Júlio Sancho
MÉDICO-RADIOLOGISTA
Radiodiagnóstico
Roentgenterápia
Rua Castilho, 37 — Tel. 22644
FARO

Aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais é concedido o preço de policlínica nos exames radiológicos a título particular.

Trespasa-se

Estabelecimento de merceria sito no Bairro N. Sr.ª de Fátima — Hortas (Vila Real de Santo António) por motivo do proprietário não poder estar à frente.

Resposta a este jornal ao n.º 14 905.

NOVOS, BEM LOCALIZADOS em Vila Real de Santo António
Vendemos e alugamos óptimos andares
Agência Comercial e Turística, Lda.
Em MONTE GORDO — Rua Pedro Álvares Cabral — Telef. 2169
Em Vila Real de Santo António — Rua Teófilo Braga, 39 — Telef. 311

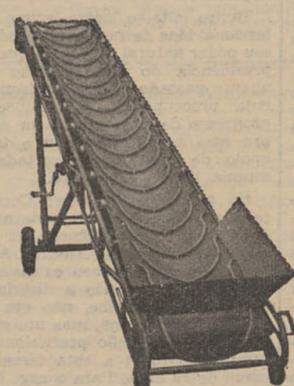
Pontes Eusébio
Médico especialista
Ouvidos, Nariz e Garganta
Consultas diárias depois das 15 horas
Cons. — Rua de Santo António n.º 68 — 1.º Dt.
Telef. { Cons. 23133
Resid. 24258
Res. — Av. de Olivenga, 97-5.º Esq.
F A R O

talvez resolver embora se mantenha a dúvida sobre a eficácia das soluções propostas. No entanto, no plano internacional, o panorama é mais construtivo e optimista do que noutros anos.

Mateus Boaventura

Andrés Lluís Bós, Herd. SILVES
Telefones 42351 - 42352

CONSTRUTOR



ALBÓS

TRANSPORTADORES de tela de borracha para todos os fins
Cargas, Descargas e Empilhamentos
Grande rapidez — Fácil manejo
— Constroem-se diversas medidas —

A estrada é para todos mas nem todos são para a estrada

(Conclusão da 1.ª página)

esse responsável, na maioria dos casos, desaparece do número dos vivos, ou está protegido por uma companhia de seguros. Portanto, muito há a fazer e muito mais se devia exigir de outros sectores públicos, para diminuir este preocupante flagelo.

A escola primária teria, neste caso, uma importante obrigação a cumprir. Nela se aprendem os primeiros passos, e o saber utilizar a via pública, como peão, seria um passo útil. O professor ou professora primária que incluiu no seu calendário de ensino esta matéria, poderia evitar muitos dissabores a pais despreocupados e fazer de cada aluno um peão exemplar, conhecedor dos seus deveres e dos alicios.

Não vamos ao ponto de excluir as pessoas da via pública, mas parece-nos razoável que todos compreendam os seus deveres. Casos há em que o peão tem a prioridade, mas sabe usar desse direito. Temos visto no estrangeiro, nas passagens assinaladas para peões, o que representa saber utilizá-las; temos visto, dizíamos, crianças e adultos a pretendem cruzar a via nessas passagens: antes de o fazerem, estendem o braço e só depois de terem a certeza de que os condutores se aperceberam da sua intenção é que o fazem. Ora, isto não nasce com as pessoas, aprende-se e certamente nas escolas. Por isso nos parece que neste caso, muito há a esperar ou a exigir do sector da educação.

Também podia exigir-se colaboração da Emissora Nacional e das outras estações de radiodifusão, já

O aeródromo da Azeda apresta-se para servir o Sotavento algarvio

(Conclusão da 1.ª página)

satisfaz, para o que conta, também, com o interesse e boa vontade das entidades oficiais e turísticas mais directamente beneficiadas.

Desde há anos que está prevista a construção de um aeródromo do Sotavento, a servir de coadjuvante ao aeroporto da capital da Província, na mesma medida em que já o servem, no Barlavento, os aeródromos de Portimão e Lagos. Cre-se que este aeródromo da Azeda reúne, e até supera, as condições exigidas para o efeito e neste sentido, segundo julgamos saber, a Câmara Municipal de Castro Marim, em cujo concelho o aeródromo está situado, pediu, ou vai pedir, à Direcção Geral da Aeronáutica Civil que lhe autorize a oficialização, como aeródromo municipal.

É digna de relevo a actuação do Aeroclube de Faro no sentido de promover e estimular a prática das actividades aeronáuticas na Província. Fundado há dez anos, só há três teve o clube a possibilidade de dar maior incremento à sua acção, estando nos propósitos dos seus dirigentes alterar-lhe a designação para Aeroclube do Algarve e criar-lhe delegações nas zonas onde existem pistas de aviação, passando a escola de que dispõe a funcionar nessas pistas, desde que o número de pilotos o justifique e aconselhe.

Nos últimos dois anos, a Escola de Pilotagem do Aeroclube brevemente 24 alunos, estando agora a funcionar com 12 alunos, que utilizam o Aeroporto de Faro. Dispõe de um avião cedido pela Direcção Geral da Aeronáutica Civil, além de outro, de dois lugares, que havia adquirido. Agora está a concretizar a aquisição de um avião de quatro lugares, para voos longos, e de mais um, de dois lugares, para treino dos pilotos. Isto além dos aviões que são propriedade dos seus sócios.

O Aeroclube de Faro, que, em proveito e benefício dos associados alimenta interessante intercâmbio com outras colectividades do género, e é frequentemente consultado pelos congéneres de outros pontos do Globo sobre as disponibilidades do Algarve no que respeita a aeródromos, possibilita aos sócios deslocar-se rapidamente em Portugal e no estrangeiro (qualquer sócio pode ir de Faro a Sevilha, por exemplo, em 45 minutos), deslocar-se que se revestem da maior utilidade em caso de doença ou de negócios, sem falar no campo, também bastante amplo, que oferece no lado recreativo.

S. P.

Trespasa - se

Casa comercial na baixa de Faro, bem situada para qualquer comércio ou agência bancária.

Resposta a este jornal ao n.º 14 927.

TINTAS «EXCELSIOR»

que 60% dos veículos em trânsito usam aparelho de rádio; lembrar que em cada metro da estrada o perigo espreita, podia evitar muita coisa desagradável. Aos sábados, domingos e feriados é, normalmente, quando abundam nas estradas os inexperientes. São dias de longos passeios, com piqueniques dos quais o álcool não anda alheio. Sabemos que nenhum condutor ignora o perigo que o espera, mas recordar-lhe as funestas consequências da pressa, o perigo da ultrapassagem e tantos outros casos que podem provocar o acidente, nunca será de mais. Substituir alguns programas ou cortá-los, em parte, para prevenir os esquecidos, seria um dever de todos os nossos postos emissores.

E o mesmo se deveria exigir da R. T. P., que nos satura o cérebro com programas desactualizados, sem qualquer interesse, ou talvez prejudiciais, quando podia e devia dedicar muitos minutos dos seus programas a esta causa nacional. As vidas que se perdem no País durante um ano, representam muitas milhões de escudos, os feridos outro tanto e os veículos inutilizados ou destruídos parcialmente, terão, sem dúvida, de afectar a economia da Nação.

No aspecto cultural, são conhecidos os benefícios que a televisão traz a um país, mas a R. T. P. não pode ignorar que o saber utilizar a via pública, pelo peão e até pelo condutor do mais potente camião, deve fazer parte integrante da cultura de um povo. Deveria mostrar amidade, por meio de imagens, o perigo de atravessar uma via, a maneira correcta de o fazer, os resultados funestos de uma ultrapassagem ou mudar de sentido, o entrar noutra via, o guardar as distâncias, o estacionar mal e outros casos que são, ao fim e ao cabo, os de todos os momentos e a origem do lamentável terror das nossas estradas, que todos conhecemos e temos ou tínhamos a obrigação de saber. Mas o esquecer ou fingir ignorar é tão fácil, que uma oportuna recomendação nunca será de mais.

Manuel Faria

N do A. — No número anterior registámos a falta de um sinal na passagem de nível de Aljustrel, indicando Lisboa por Alvalade. Hoje, aprez-nos referir que já se encontra o sinal indicativo de outra via com a distância de 151 quilómetros. No entanto, o erro continua, dado que dentro daquela vila apenas se indica o caminho por Canhestros, quando uma ponte, em Montes Velhos, só permite veículos até 7 toneladas. Porque não se indica outra estrada por Alvalade? Que critério usarão as autoridades que encontrem um camião com maior tonagem a utilizar a dita ponte?

TAVIRA no trilho de um novo caminho

(Conclusão da 1.ª página)

tiva das necessidades concelhias. E este rumo, como se disse, só é alcançado quando os dirigentes concelhios se personificam, sobrepondo toda essa linha de conduta ao mais simples interesse de ordem pessoal ou ideológica. Por isso, um concelho só tem progresso quando à sua administração chama um escol de dirigentes, cientes das dificuldades a encontrar, destituídos de qualquer pretensionismo e que merecem estas qualidades, sabiam encontrar na confiança dos municípios a base da sua válida acção.

Tavira cita-se nesse grupo de terras ávidas de fazer valer todo o seu poder natural, e se bem que na presidência do seu concelho tenham passado bons tavirenses, cuja preocupação foi sempre o progresso da sua terra, nem sempre essa acção encontrou o total apoio de uma equipa votada à mesma linha de conduta.

Há meses, o dr. Jorge Correia terminou um longo mandato de doze anos na presidência da Câmara Municipal de Tavira. Após isso, a surpresa colheu os tavirenses, ao ser chamado a dirigir os destinos do concelho, não um tavirense de nascença, mas um cidadão, cuja radicação profissional e familiar o ligou a esta terra há cerca de 16 anos. Para o eng. Luis Filipe Távora, ainda que muitos o desconhecem, os problemas de Tavira sempre encontraram um interesse vulgar, analisados por um prisma de clareza evidente, a que muitas vezes nos associámos.

Do seu antecessor, encontrou o novo presidente da edilidade tavirense um trabalho contínuo, uma antevisão ambiciosa mas válida, cuja realização, bem sabemos, nunca será totalmente concretizada, por representar-se numa evolução e numa reforma permanentes a legar a outros vindouros. Esta essência é a própria vida da cidade, são as suas aspirações e anseios, a influência de um progresso que se cre corre rápido à nossa ilharga,

MINISTÉRIO da ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS
COMBUSTÍVEIS

Edital

Eu, Mário da Silva, eng.-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis,

Faço saber que Serafim de Jesus Ramos, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 10 000 litros, sita em Torralta, freguesia de Santa Maria, concelho de Lagos e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 9 de Dezembro de 1971.

O eng.-chefe da 2.ª Repartição
Mário da Silva

jogando-nos uma mão que a todo o custo procuramos agarrar. E para vencer tal corrida será, pois, necessário um esforço titânico, onde só uma conjugação de forças, de validades unidas e não dispersas, terá razão de ser. O que se fez por uma cidade, nunca será esquecido, especialmente, quando o juiz é esse povo anónimo que sente palpitar o coração da sua terra. O que se faz, rapidamente será ultrapassado, mas é necessário fazê-lo com boa vontade, com dedicação, interesse e despretensionamento. O que se deverá fazer, é que por vezes esquece. São sonhos que se desvanecem, dando lugar a um desânimo próprio dos fracassos.

Com a recente escolha dos novos órgãos administrativos, Tavira começa a viver uma nova etapa da sua já longa existência. Aos homens que acederam a pugnar pelos interesses desta terra, ser-lhes-á exigida muita coisa, a que terão de corresponder, pois essa, estamos certos, será a sua intenção. Julgamos com justiça e benevolência, procurar actuar de modo a intensificar a promoção social dos municípios que representam, e a alcançar melhores dias para uma comuna que os chamou a dirigi-la. E tudo isto legitimado por um trabalho apenas remunerado pelo muito amor a Tavira.

De uma coisa, também, os novos dirigentes se não devem abster: a crítica é, quase sempre, o espelho das nossas acções; e quando ela se inclina para o lado do desagrado, ainda é tempo de nos lembrarmos do velho provérbio: «errar é pró-

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.

Tem a honra de informar que, para assinalar a quadra festiva que atravessamos, coloca desde já à disposição da sua estimada clientela toda a gama dos seus categorizados produtos, como WHISKIES, COGNACS, CHAMPAGNES, LICORES e outras BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS das mais reputadas marcas e procedências, e, ainda, que dispõe de embalagens expressamente idealizadas e criadas para os habituais presentes do NATAL e FIM DO ANO, como ESTOJOS, ARCAS e outras COMPOSIÇÕES — as quais, por sua originalidade e aspecto sugestivamente atraente, ficarão pelo tempo fora a assinalar, junto de quem recebe, o gesto daquele que oferece.

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.

A GARRAFEIRA MAIS BEM SORTIDA DE PORTUGAL

F A R O

Largo do Mercado, 39/40 - Telefones 23664 e 24060

Sede no PORTO e outras Filiais em COIMBRA, BEJA E SETÚBAL

O plano geral de aproveitamentos hidráulicos do Algarve poderá transformar esta Província num dos mais importantes sectores económicos do País

(Conclusão da 1.ª página)

vam a exploração economicamente impraticável, como também por possibilitar a montagem de inúmeras indústrias ligadas à lavoura e ao turismo, nas quais se empregariam milhares de braços, incrementando deste modo o desenvolvimento do comércio e da urbanização.

O Plano Geral de Aproveitamentos Hidráulicos do Algarve, em estudo prevê, para a zona do Barlavento, que a origem das águas destinadas aos diferentes fins (abastecimento a populações e à indústria, rega e dessalgaçamento de terras etc.) se situe no sistema interligado da ribeira de Odelouca e do rio Arade. Os valores dos escoamentos médios anuais são de 118 milhões de metros cúbicos no local de armazenamento da ribeira de Odelouca e de 46 milhões no do rio Arade. Prevê-se que o sistema forneça anualmente 105 milhões de metros cúbicos, sendo 90 milhões destinados à rega de cerca de 6 000 hectares nos blocos de Benaciate, Amorosa, Algoz e Paderne e 15 milhões ao abastecimento a populações, podendo esta distribuição vir a ser revista, logo que conhecidas mais exactamente as necessidades para abastecimento público.

A albufeira de Odelouca, com nível de pleno armazenamento à cota (102,00) corresponde uma capacidade total de armazenamento de cerca de 255 milhões de metros cúbicos; o que traduz que ela facultará regularização interanual. A albufeira do Funcho, no rio Arade, com nível de pleno armazenamento à cota (98,00), corresponde uma capacidade de armazenamento de 24 milhões de metros cúbicos, que poderá ser aumentada.

Dada a localização das áreas a regar, é feita a ligação das albufeiras de Odelouca e do Funcho por um túnel com cerca de 8 kms de comprimento, que deriva as águas da ribeira de Odelouca para o rio Arade. Dentro do conjunto, a tomada de água para abastecimento das populações poderá ser feita em qualquer das albufeiras, como mais convier.

O sistema foi estudado para garantir em 100% necessidades até à ordem dos 105 milhões de metros cúbicos anuais, mas, admitindo que, com o tempo, as necessidades poderão evoluir para além dos níveis actualmente previstos, considerou-se que o sistema Odelouca-Arade poderá vir, em fase ulterior, a ser reforçado com caudais deriváveis da ribeira do Algive, que receberá os caudais vindos do rio Guadiana, regularizados na albufeira de Odeleite, e facultando a rega de

Trespasa-se

Ótimo estabelecimento no melhor local da Rua do Comércio em Portimão.

Informa-se nesta Redacção.

prio do homem». E tantos são os erros que têm remédio neste mundo!

Ofir Chagas

Vende-se Barco «Pica Peixe»

Barco de pesca apetrechado para a pesca da malha (pescada), matriculado em Setúbal.
Comp. 13,29 — 16,62; Boca, 4,52; Pontal, 1,69; Ton. Bruta, 28,74; Ton. Liq., 10,54. Motor 180 HP Cummins.
Informações: Telefones Lisboa: 323292 ou 312035.

O Município de Vila Real de Santo António empenha-se na expansão de Monte Gordo

(Conclusão da 1.ª página)

superfície de ocupação e número de pisos.

Em relação a edifícios mistos de apartamentos e comércio, poderá a Câmara fixar, em estudo arquitectónico sumário de volumetria, condicionamentos específicos, de modo a garantir uma ordenada expressão arquitectónica. Nas construções a incluir nestes lotes, deverá proporcionar-se nos 1.º, 2.º e 3.º pisos, no máximo, a fixação de actividades comerciais. Nas mesmas construções será obrigatória, ao nível do piso térreo ou em cave, a instalação de estacionamentos de automóveis com capacidade calculada em função do número de apartamentos a prever e na base de um automóvel por apartamento.

A barragem do Funcho situa-se no concelho de Silves e será implantada a montante da albufeira actualmente existente na sua vizinhança imediata (barragem de Arade), e a jusante da confluência com a ribeira do Funcho. A barragem de Odelouca situa-se no concelho de Monchique, desenvolvendo-se também a maior parte da respectiva albufeira no mesmo concelho.

Assim, graças à larga visão do nosso comprouviano eng.º Armando da Palma Carlos, que, como director-geral dos Serviços Hidráulicos, concebeu o arrojado plano, e à boa vontade e alta craveira de estadista do eng.º Rui Sanches cuja capacidade realizadora faz lembrar o grande algarvio que foi o eng.º Duarte Pacheco, o Algarve poderá vir a ser, não só das melhores estâncias de turismo, como um sector económico da maior relevância no País.

Silves, Dezembro de 1971

Joaquim Francisco da E. Sequeira

Arrematação de Estrume

Está a concurso a arrematação do estrume produzido pelos sólidos da Secção de Tavira da G. N. R., durante os meses do ano de 1972.

As condições ou qualquer informação são prestadas no quartel da G. N. R. de Tavira.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro CONTRIBUIÇÕES

Alteração do limite de remunerações sujeitas a descontos para a Previdência

Para conhecimento dos interessados e devidos efeitos, torna-se público que por Portaria n.º 444/71, de 19 de Agosto de 1971, publicada no «Diário do Governo», I Série, n.º 195, daquele dia, foi elevado para 15 000\$00 mensais, com efeitos a partir do dia 1 de Janeiro de 1972, o limite superior de retribuição para a Caixa Nacional de Pensões e para as Caixas de Previdência e abono de família, bem como para as caixas sindicais de previdência, com entidades patronais contribuintes, constituídas anteriormente à Lei n.º 2 115, de 18 de Junho de 1962.

Mais se informa que a partir de 1 de Janeiro de 1973, aquele limite passa a ser de 20 000\$00.

Será facultada às entidades patronais que o requeiram expressamente a eliminação antecipada do limite superior de retribuições sujeitas a contribuição.

Mais se informa que, a partir de 1 de Janeiro de 1972, o limite mínimo do salário-base para efeito de continuação voluntária do pagamento de contribuições passará a ser de 1 500\$00, relativamente a todos os beneficiários que requeiram a sua integração naquele regime após a entrada em vigor da Portaria N.º 21 799 e aos que, já nessa altura, anteriormente se encontravam a contribuir facultativamente e ficaram abrangidos pelo regime aplicável aos primeiros.

Faro, 20 de Dezembro de 1971.

A DIRECÇÃO

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Apontamentos de JOAO LEAL

O Farense retornou com um ponto

Aquela Beira-Mar, que oito dias cometera a proeza de ir a Alvalade vencer o Sporting...

II DIVISÃO

Vitória escassa, goleada imerecida

Esperava-se mais robusto resultado em Portimão. Afinal, os barlaventinos ganharam, mercenariamente assinala-se, apenas por um escasso tento...

RESULTADOS DOS JOGOS

I DIVISÃO

Beira Mar, 1 - Farense, 1

II DIVISÃO

Peniche, 3 - Olhanense, 0

Portimonense, 2 - Torriense, 1

III DIVISÃO

Silves, 7 - Estoril, 1

Moitense, 1 - Lusitano, 3

Palo Pires, 0 - Faro e Benfica, 3

Esperança, 2 - União Sport, 0

PROVAS DA A. F. FARO

Louletano, 0 - Sambrazense, 0

Tavirense, 4 - Quartezense, 0

Moncarapachense, 4 - Imortal, 2

JUNIORES

Sambrazense, 1 - Farense, 3

Olhanense, 2 - Esperança, 1

Silves, 1 - Lusitano, 0

JUVENIS

Quartezense, 0 - Silves, 2

Imortal, 1 - Esperança, 1

Portimonense, 1 - Louletano, 1

Moncarapachense, 1 - Lusitano, 5

Farense, 2 - Olhanense, 1

JOGOS PARA AMANHÃ

I DIVISÃO

Farense-Tirsense

TAÇA DE PORTUGAL

Lusitano-Celoricense

PROVAS DISTRITAIS

I DIVISÃO

Quartezense-Louletano

Sambrazense-Torraita

Imortal-Tavirense

JUNIORES

Farense-Olhanense

Esperança-Silves

Lusitano-Portimonense

JUVENIS

Silves-Portimonense

Imortal-Quartezense

Louletano-Esperança

ZONA BARLAVENTO

Silves-Portimonense

Imortal-Quartezense

Louletano-Esperança

ZONA SOTAVENTO

Lusitano-Farense

Sambrazense-Moncarapachense

passou no terreno, pois os algarvios deram sempre réplica equilibrada, procurando modificar o curso dos acontecimentos...

III DIVISÃO

Jornada 100%, vitoriosa

Todos os clubes algarvios que militam na III Divisão, ganharam e fizeram-no de maneira brilhante...

O Silves alcançou o mais robusto resultado da jornada, brindando o Estoril, um dos candidatos à promoção...

De referir as excelentes posições do Lusitano e do Faro e Benfica, colocados, respectivamente no 3.º e 4.º lugares da classificação geral.

Amanhã, há Taça

O Lusitano, que está fazendo uma época em pleno, mantendo incólumes as suas aspirações...

Equipas e marcadores: Jogo no Estádio Mário Duarte, em Aveiro...

Arbitro: Augusto Ballão, de Lisboa. BEIRA MAR - César; Jerónimo; Marques (capitão); Soares e Severino; Ingulha e Carmo Pais; Adé, Alemão, Eduardo e Nélimho.

FARENSE - Rodrigues Pereira; Conceição Almeida (capitão); Caneira e Assis; Ferreira Pinto, Valdir e Sérgio; Adilson Mirobaldo e Testas. Substituições: aos 68 m, Eduardo por Almeida; aos 76 m, Nélimho por Colorado.

Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

TORRIENSE - Jordão; Paulino (Faria aos 70 m); Narciso II, Bernardes e Alfredo; Batalha e Vitor (Carlos Alberto aos 75 m); Pedro, Rodrigues, Américo e Marquitos.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

Jogo no Estádio do Portimonense. Arbitro: Carlos Monteiro, de Setúbal. PORTIMONENSE - Semedo; Pelxoto, Afonso, Amadeu e Miranda; Lino e Ramos; Carlos Alberto (Arquímio) aos 65 m; Mateus Leca e Vitor Silva.

LUSITANO - Ernesto; Bandarra; Osvaldo, Toledo e Baptista; Edgar e Brito; Fernandes, Almeida (Vasques), Aniceto e Piloto. Ao intervalo: 1-1.

Jogo no Campo do Rossio da Trindade. ESPERANÇA - João Rodrigues; Osvaldo, Manita, Neto e Relma; Anibal e Reinaldo (Lelecas); Carlos Manuel, Edmar, Moita e Leonardo.

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Jogo no Campo D. Francisco Vieira. Arbitro: P. Moeda, de Setúbal. SILVES - Veríssimo; Valter, Mourinho, Viola e Hélder; Fernando Santos (Miguel) e Lóia; Custódio, Figueiredo, Fernando Silva e Virgílio (Juvenal).

Nova era?

O penúltimo sábado foi dia grande para milhares de crianças em todo o País. Em Faro vimos também algumas centenas delas vivendo delirantemente aquilo que podemos designar pelo seu «Dia D», no dossier desportivo.

Foi a grande arrancada para uma motivação da escola primária no fenómeno desportivo. O esforço de valorização desportiva do País, que se pretende seja realidade, só pode ter eficiência e ser verdadeiro se começar pela base, pelo mais jovem sector.

No sábado foi como que o encontro entre a criança e o desporto, entre a escola e a vida, entre uma educação autêntica e um dos elementos que nela não pode ser olvidado.

Deseja-se que a semente lançada em frente ao bom terreno e a obra prosiga, pois há-de ter a desejada continuidade, que os interesses maiores da educação assim o exigem. - J. L.

Existem clubes e centros náuticos, instalações desportivas, barcos e praticantes. O que falta então? Apenas a congregação dos esforços, que com um cunho isolado se desenvolvem e que, individualmente pouco conseguem.

Porque não promove a Federação Portuguesa de Vela uma unificação de dedicações, tendente ao fomento da actividade velica em terras do Sul? João Leal

VELA

Terminou o Torneio de Outono em Olhão

Organizado pelo Grupo Naval de Olhão disputou-se na ria Formosa o Torneio de Outono, competição velica que reuniu numerosos concorrentes. A classificação final corrigida foi a seguinte:

1.º - 420, 11 915, Mário Samúdio e dr. Fernando Barros (Vila Real de Santo António); 2.º - 316, 16 992, Joaquim Vitor e José de Oliveira (G. N. Olhão); 3.º - Ornet, Carlos Sancho e Varela Sancho (G. N. Olhão).

O ciclismo no Ginásio de Tavira

A direcção do Ginásio de Tavira, considerando o prestigio alcançado pela sua secção de ciclismo para o desporto algarvio e para o seu clube, resolveu em recente reunião, continuar com a prática do ciclismo profissional e intensificar o fomento da modalidade nas categorias de amadores.

TINTAS «EXCELSIOR»

Churrasqueira do Guadiana de Edmundo Almeida Telef. 418 VILA REAL DE SANTO ANTONIO Deseja a todos os seus clientes e amigos Boas Festas e as maiores prosperidades no Ano Novo.

Marinhas dos Mascarenhas

Arrendam-se estas Marinhas, localizadas nos subúrbios da povoação de Mexilhoeira da Carregação (Lagoa), pelo prazo de 3 anos, com início em Janeiro de 1972. Recebem-se propostas em carta fechada dirigida ao escritório do Dr. Marreiros Neto em Portimão...

BASQUETEBOL

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUVENIS OS OLHANENSES, PRIMEIRO CAMPEÃO REGIONAL DA ÉPOCA

Resultados da última jornada: Os Olhanenses, 64 - Olhanense, 18; Farense, 51 - Faro e Benfica, 31. Terminou o campeonato com um vencedor certo e incontestável. Na realidade, demonstrando supremacia evidente sobre as demais equipas...

Para atestar a sua flagrante superioridade, bastará acrescentar que a média de marcação do cinco por jogo foi de 55-19. Creemos mesmo estarmos em presença do melhor cinco de sempre na categoria, entre nós. Antevê-se, portanto, uma boa carreira da equipa, no Nacional que em 30 deste mês se inicia...

LIVROS

«SOCIOLOGIA DA LITERATURA», de Giovanni Ricciardi

G. Ricciardi nasceu em 1937, numa aldeia do sul da Itália. Foi durante a sua longa estadia no Brasil que começou a interessar-se pela sociologia. Ao regressar a Itália em 1964, obteve a licenciatura em Filologia Clássica...

ATLETISMO

Em Faro decorre em 8 deste mês o V Grande Prémio Internacional dos Reis

Na sede da Associação de Atletismo de Faro, trabalha-se aceleradamente o V Grande Prémio dos Reis, prova pedestre que é, sem dúvida, a mais importante das que se realizam no Sul do Tejo. O certame, que decorre na noite de 8 deste mês, tem o patrocínio da Comissão Regional de Turismo...

«EU E A GENERAL MOTORS», de Alfred P. Sloan Jr.

Com mais de 65 anos de contactos directos com a indústria automóvel, o autor explica-nos como nasceu a General Motors (em cujas comissões e direcção trabalhou durante 45 anos, vinte e três dos quais na qualidade de chefe executivo), como ela se desenvolveu, como resolveu as suas crises, como sobreviveu às crises nacionais e mundiais...

«EU E A GENERAL MOTORS», de Alfred P. Sloan Jr.

«Eu e a General Motors» integrada na Coleção Habitat, da Livraria Civilização Editora, é uma obra imprescindível para o homem do nosso tempo que pretende conhecer em profundidade as coordenadas por que se regida a época em que vive. Constitui também um testemunho vivo, que interessa aos estudiosos da técnica e da sociologia.

ROCAMBOLE

(Continuação)

O GÊNIO DE ROCAMBOLE

— Ora esse! — disse Rocambolé, — creio que não há-de ser em política; eu cá não tenho opinião alguma! Nicoló pôs-se a rir. — Estamos agora ao abrigo da policia, — continuou o garoto — e é evidente que o sr. conde, que matou o defunto Colar, não irá gabar-se disso: mas como ele arde em desejos de saber onde estão as pequenas... — Pois não o sabe? — Quem lho havia de dizer? — disse Rocambolé. — O serralheiro não o sabia, e a mamã e eu não somos crianças. O filho adoptivo da viúva Fipart contou minuciosamente a Nicoló o modo como se conduzira naquela noite, e o saltimbanco exclamou, maravilhado: — Decididamente, és um grande finório, meu rapaz. Rocambolé afectou grande modéstia e continuou: — Contudo se estamos livres da policia, não o estamos do conde, e de hoje em diante este lugar não é lá muito seguro. A minha opinião é que nos safemos, você e a mamã para Paris, e eu para Port-Marly onde o tio Mauricio me alojara. O tio Mauricio de quem Rocambolé falava, era um pescador que tinha uma taberna quasi tão mal reputada como a da viúva Fipart. O tio Mauricio e o objecto amado de Nicoló tinham sido sócios em mais de um negócio tenebroso, totalmente estranho ao comércio dos líquidos; Rocambolé contava, pois, com ele, como o tio Mauricio teria contado com a viúva Fipart e o seu filho adoptivo em idênticas circunstâncias. — Tens razão — disse Nicoló aprovando o conselho do rapaz; — Mas, o que temos de fazer a respeito do capitão, que está ausente?

Soltaremos as pequenas? Visto que o Colar está morto, eu cá não sei o que hei-de de dizer. — Sei eu — disse Rocambolé — e vou colocar-me à altura dos acontecimentos. Não tenha medo! Sou eu quem vai substituir Colar! Vamos, toca a sair daí que são quase oito horas. E saíram ambos. Rocambolé tirou um bocado de carvão da chaminé e escreveu sobre a porta que fechou à chave: Fechada por motivo de quebra. Nicoló foi ter com a viúva Fipart e partiram para Paris. Rocambolé dirigiu-se para Port-Marly. No dia seguinte pela manhã apresentou-se na casa onde estavam Joana e Cerise. Levava, como nos dias precedentes um cesto cheio de peixe, mas o garoto não tinha já o ar modesto e humilde de até ali: trazia a fronte erguida e insolente, reuniu os criados e disse-lhes: — O sr. Colar foi reunir-se ao patrão, e sou eu que o substituo; ordena-lhes que me obedeam como a ele próprio. Rocambolé falava com tanta segurança que todos o acreditaram. Transformado em senhor, pela sua própria autoridade, deu ordens recomendou que obedecessem sempre respeitosa e Joana, salvo se ela quisesse fugir, e anunciou que voltaria no dia seguinte. Voltou efectivamente e interrogou Mariette. — A menina está triste — respondeu a criada. — Talvez ache a galola pequena — disse Rocambolé. — Não, aborrece-se à espera do sr. conde. — Bom! — disse Rocambolé que estava ao facto, por intermédio da viúva Fipart, dos segredos de sir Williams — o tal amor parece-me que faz grandes estragos. — Além disso, o sr. conde não lhe tem escrito. — Há-de escrever — respondeu o garoto. O filho adoptivo da viúva Fipart lembrou-se então de que sir Williams devia escrever a Joana por intermédio de Colar, e que tendo este morrido, deviam existir as cartas do capitão fechadas ainda, no palácio da rua Beaujou. Isto foi um raio de luz para ele. Correu a Paris, e disse ao criado que Colar, obrigado a ficar no Bougival, o encarregava de vir buscar as cartas.

(Continua)

Sorrisos não são pão nem flores, ou o homem que precisa de emprego

Se alguém pensar que esta crónica é um anúncio disfarçado creio que não foge à verdade.

E como já compreendemos que preciso de um emprego, vou contar-lhes as razões que me trazem aqui.

Em Janeiro passado vi-me obrigado, por questões de saúde, a requerer à Caixa Nacional de Pensões, por intermédio da Caixa de Previdência cá do distrito a reforma por invalidez. Preenchido o modelo competente e com dois relatórios médicos de clínicos da especialidade a coisa começou a circular, julgo que pelos lugares devidos, e lá foi andando, lentamente é certo mas mexendo-se, com um pé aqui e outro ali.

Isto, ainda assim, não me causava dano ou prejuízo, porquanto, funcionando eu em regime de Caixa, ia recebendo os meus vencimentos, segundo os regulamentos oficiais em vigor.

Todavia, como a operação reforma foi (e vai) demorando o seu tempo, o que também deve ser legal, tive a oportunidade de me ir enervando com o que algumas pessoas conhecidas me informavam sobre as costumadas delongas da C. N. de Pensões. Vai daí escrevi a esta entidade a saber quanto e quando me ia pagar, ao que, volvido quase um mês, me responderam que o assunto estava ultimado mas que oportunamente me diriam a forma de pagamento e o quantitativo.

Até aqui pareceu tudo certo (não me esqueci de que estava avisado) e dispus-me, muito naturalmente e com paciência, a aguardar que o tempo corresse e que chegasse a minha vez.

E como continuava no tal regime de Caixa não me inquietei e vim sentar-me à porta de casa a esperar que o carteiro, um dia qualquer, me entregasse essa comunicação ou as cartas habituais da C. P. D. de Faro contendo os recibos para a liquidação dos tais 60 por cento da ordem e que a lei manda pagar aos doentinhos sob a sua alçada. Chegado ao fim de Julho e vendo que o distribuidor postal se esquecia de me entregar aqueles tão necessários como indispensáveis avisos, abandonei o pouso e fui saber das razões do esquecimento. Na tesouraria da Caixa de Faro foi-me, então, dito que a C. N. de Pensões mandara suspender os pagamentos. Assim mesmo sem mais coisa nenhuma, sem cuidarem de saber se eu tinha família abastada ou conta bancária onde me encostar. (Pois meus senhores não tenho nada disso e toda a vida me vi obrigado a trabalhar). Agora, com o aparelhamento dos credores (não é verdade que a gente tem de pagar pontualmente a renda da casa, a água, a luz, o telefone e tantas outras coisas, sem se esquecer também de comer com regularidade para não morrer depressa e no meu caso particular para ter saúde e coragem para viver o tempo suficiente de ver chegada a tal oportunidade?), resolvi, num acto de desespero, remeter toda aquela gente para a dita Caixa de Lisboa, sita à Avenida da República, onde julgo poderão resolver algumas das minhas responsabilidades antes que me caia o diabo em casa com as mãos cheias de letras protestadas, de recibos em relaxe e de ordens de despejo. E isto até quando? No entanto, e para evitar estas situações desagradáveis saí da minha angústia e vim para a rua à procura de trabalho. Ouvia falar tanto da falta de mão de obra. Mas só encontrei sorrisos e palmadinhas nas costas. Ninguém quis acreditar que eu precisava de trabalho. Não sei o que

toda esta gente pensa de mim. Nos escritórios, quando calhava perguntarem-me o que sabia fazer eu respondia invariavelmente: — Tudo! Desde chefe a continuado, Eu... — e as pessoas riam-se sem que eu compreendesse onde estava a graça — ...e olhem que também sou capaz de dizer umas coisas que não devia ouvir. As minhas verdades... — acabava eu por atirar, procurando acabar com aquela alegria que me arranhava os nervos e a sensibilidade, ao mesmo tempo que procurava chamar a atenção das pessoas para o meu problema.

— Verdades?!... — Inquiriam os meus interlocutores sem sabermos ao certo a que me referia.

— Verdades e de que tamanho. Por exemplo estas. Oíçam que vale a pena. Há dias tive necessidade de adquirir uma certidão de nascimento. Para tanto fui ao Registo Civil, à única conservatória cá do sítio, e com receio de perder o meu tempo em vão levantei-me cedo e quando eram 8,30 já lá estava a aguardar a hora da abertura da Repartição. Chegada aquela e aberta esta começaram a distribuir umas fichas (feitas por uma funcionária que não deve saber contar e escrever para lá do número 20), com que não tive a ventura de ser contemplado, porque, como depois constatei, havia 21 pessoas à minha frente. Informei a empregada do facto ao que ela me respondeu que só distribuíam mais fichas na parte da tarde, pelo que devia eu tornar a tomar nova posição, se não... É claro que como tinha de continuar a procurar emprego, por causa da tal suspensão de pagamentos das Caixas e porque não vivo numa sociedade de vadios resolvi voltar ao outro dia. E, à cautela, quando ainda mal soavam as 7,30 horas dessa manhã já lá estava de novo à porta da Conservatória a contar as pessoas e a ficar um pouco inquieto com a perspectiva de me ver novamente fora do número (20) estipulado pelo despacho de avios, ali em vigor. Mas, como alguns dos madrugadores eram familiares e acompanhantes, na altura da fortuna, o número minguou e deram-me uma rodela de cartão com um 16 estampado. Entrei e pus-me a esperar a oportunidade de ser atendido. Entretanto e como não tinha ali nada que fazer a não ser observar o que os outros faziam (até chegar a minha oportunidade) fui oferecendo a minha atenção aos movimentos do escritório. Ali por volta das 10 horas entrou balcão adentro um senhor padre que, sem qualquer senha nem espera, foi atendido com a solicitude que o seu cargo e categoria exigem. Como não sabia, nem sei, das prerrogativas e facilidades que se devem conceder a quem chega mais tarde, sim, porque eu já me encontrava há 3 horas a esperar a minha vez, não me admirei, como, igualmente não me causou espanto quando meia hora mais tarde uma funcionária abandonou o serviço que tinha em mãos, de um outro cliente mais madrugador do que eu, para, toda sorrisos e deferências, não fazer demorar um cavaleiro que acabara de entrar, e que, pelo que percebi, devia ser das suas relações ou conhecimentos. E como também chegara fora do controle tinha, por força dessa forte razão, de merecer a atenção e o beneplácito quer das funcionárias, quer do regulamento dos 20. Até que alguns minutos depois, o insólito aconteceu. Tão imprevisto que vale a pena contar e que me deu a perceber que as pessoas mais nervosas e impacientes estavam todas para lá do balcão.

Uma funcionária sentada a uma secretária falou alto para uma senhora jovem que estava ao meu lado, junto do balcão: — A senhora vem para o perfilhamento? — Venho, sim. — Isso está marcado para as 3 horas! — Para as 3, não! Disseram-me que era às 10. — Para as 10? Ninguém podia ter dito uma coisa dessas à senhora! — Lá isso disseram-me... — A senhora está a mentir! Tenho serviço marcado até ao dia 8 e nenhum para essa hora! — Podiam ter-se enganado. Mas lá que me disseram 10 disseram. A senhora podia ter pensado... — O quê?... Eu não estou aqui para pensar. Estou para informar. Era o que faltava!... — Mas em Lisboa disseram-me... — Ainda ninguém lhe disse que aqui não se fazia. E sabe que mais?... A senhora devia estar agradecida pelo favor que lhe faço. Coloco-a à frente dos outros e ainda por cima vem para aqui dessa maneira. Sabe que mais? Eu faço-lhe isso porque quero. Porque o tribunal concedeu-lhe a reparação por aduário. A senhora praticou o aduário!... — Mas... — A senhora não sabia nada quando aqui chegou. Nem sequer

O comandante da Região Militar visitou Faro

Esteve em Faro o general Rosa Garoupa, comandante da Região Militar de Évora, que se fazia acompanhar do seu ajudante de campo, capitão Guides Lopes. Visitou o Regimento de Infantaria n.º 4, onde foi cumprimentado pelo coronel Robin de Andrade e major António São Brás, comandante e 2.º comandante daquela unidade. Percorreu demoradamente as instalações do quartelamento e recebeu depois os cumprimentos dos oficiais da reserva em serviço. Mais tarde, o general Rosa Garoupa foi obsequiado com um almoço em que participaram os actuais e antigos oficiais do Regimento de Infantaria n.º 4.

Na tarde, o comandante da Região Militar de Évora, dirigiu-se ao Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4, onde era aguardado pelo coronel Glória Alves, chefe daquele organismo. Finalizando a sua visita, dirigiu-se ao edifício onde vai ser instalado o Comando Militar Territorial do Algarve, cujas obras de adaptação se encontram muito adiantadas.

CARTAS A REDACÇÃO

Alguns leitores têm-nos endereçado cartas focando assuntos do maior interesse para as suas terras, as quais, todavia, não nos é possível publicar, pois aqueles não se nos identificam.



MÁQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

Lisbon — Rua Filinte Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 184

sabia o dia em que casou! — Desculpe mas tenho a impressão que me disseram às 10. — Ai sim! Pois agora não lhe faço nada. Pode-se ir embora. A senhora jovem agarrou na mão de um menino e abalou rápida e nervosa. E a funcionária continuou a falar: — Esta não sabia nada. Nem quando casou, nem quando se juntou com o outro. As 11,30 eu estava na rua com a certidão que aquele cartão com o número 16 me permitiu adquirir. E fiquei sabendo que, se por qualquer razão um dia viver em mancebia, terei de ir comunicar o facto ao Civil. Mas o certo é que até hoje ainda não arranji emprego, nem sei se os bancos, os correios, a Câmara e todos os demais credores habituais estão pelos ajustes e demoras da Previdência, que, ao que vejo, ainda me obriga, assim a modos do burro do cigano, a desabituá-me de comer. E se me acontece a mim o mesmo que ao asno, que, quando já quase estava desabituado de comer, morreu?

Paz à sua alma dirão todos. Eu se pudesse dizer alguma coisa diria: Só! Todavia, se houver algum subsídio de funeral, peço, agora que ainda vivo, o favor de o liquidarem depressa, se não o cangalheiro... E que eu posso morrer no Inverno e nessa altura a terra deve estar muito fria, além de que já tenho muitos «amigos», que me hão-de cuspir em cima. Meu Deus o que a gente passa e aprende pela vida fora.

Carlos Martins

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA



EM BENEFÍCIO de todos

Preste a melhor informação quando necessitar de socorros

Indique com precisão o local onde esses socorros são necessários

FACILITE A ACÇÃO informando melhor...



Começou o mau tempo. A neve perturba já a vida normal de muitos países europeus, como se verifica pela gravura junta.

Foi inaugurada a rede telefónica entre Salir e Sobreira

Teve a presença do governador civil do distrito, presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Loulé e outras autoridades, a inauguração da rede telefónica entre Salir e Sobreira, a qual passa por Freixo Seco de Cima, Cortinhola-Pé do Coelho, Malhão e Sobreira, ficando em todos estes sítios um posto público.

Trata-se de um importante melhoramento para Salir, que não dispunha de qualquer meio de comunicação.

Aquela zona carece agora de uma estrada.

BRISAS do GUADIANA

FELIZ ANO NOVO!

Já lá foi, para o arquivo das grandes e pequenas histórias, o ano «velho» de 1971, que, como acontecera aos seus antecessores, levou com ele alguns, assinaláveis, actos de coragem, muitos, reprováveis, actos de cobardia e uma série infinita de boas intenções que nem sequer viram a mais ligeira possibilidade de chegarem a concretizar-se. E cá temos na presença o bissesto 1972, em que muitos e grandes eventos se anunciam, a maior parte dos quais passará, sem dúvida, para 1973, que não deixará, também sem dúvida, de

enterrar algumas aspirações, de dar vida a alguns (poucos) sonhos e de nos ir ensinando (que burros continuamos a ser!) como vai passando o tempo, no nosso e nos outros meios deste divertido planeta.

Mas deixemo-nos de filosofias mais ou menos baratas e deitemos uma vista de olhos pela paisagem local, nesta propícia altura de fazer contas à vida. Claro que muita e concreta coisa se nos apresenta feita, mas a nossa crónica e casmurra maneira de ser levamos precisamente a olhar os pontos onde nada, ou pouco, ainda se fez, e tanto estaria indicado que se fizesse. Pontos grandes, como o parque de estacionamento à entrada da vila, com o seu feiíssimo e despropagandístico aspecto, ou pontos pequenos, como aquele trecho onde começa a Rua dos Centenários, ao lado do quartel dos Bombeiros, que «dá nas rodas» de quantos por ali passam. Há meses comparámos aquele troço com outro, de maior extensão, que vai da Escola Técnica à estação dos comboios, e a Câmara esclareceu-nos de pronto, de que este último era da exclusiva responsabilidade da C. P. Desde então ficámos aguardando que a C. P. se enchesse de brios e mandasse por termo às mazelas que por aqui ostenta, e que a Câmara, por sua vez, nivelasse a entrada da Rua dos Centenários. Ficámos, ficamos, e se não for em 1972... será quando puder ser, claro está.

No caso específico da C. P., que brada aos céus, por tantos anos de desleixo, se tivéssemos algum mando, apreendíamos-lhe um dos comboios, não o deixando sair enquanto não mostrasse indícios de querer cumprir as suas obrigações (que as tem!) não só no campo comboiástico como no higiénico e urbanístico. Havia de ser bonito, a C. P. com o «Sotaventos» ou outra «vedeta» por aqui retida, até satisfazer o que de há tanto se lhe pede!

Além dos pontos grandes e dos pequenos, há os pontos intermédios, que, todos juntos, contribuem para dar a quem nos visita uma idela porventura errada daquilo que temos, somos e queremos. Há algumas liceiras, maiores ou menores (à entrada da vila, em frente da Escola Técnica, etc., etc.), a pedir clamorosamente que lhes ponham termo; há aquela lástima do Largo da Poetisa Lutgarda de Caires à espera de uma solução que não quer aparecer; há as ruas da vila, onde, sem vedação, se amontoam por longos períodos, areias, pedras e outros materiais, enquanto se não concluem as obras a que se destinam, obras que, por sua vez, se transformam em focos de sujidade; há outras ruas, bastante céntricas, servindo de arrecadação de calçotaria, e outros «objectos» que não cabem nas casas de cada um; há sempre ruas com manifesta falta de limpeza; há sarjetas com as tampas rebentadas, de onde, por vezes, se exala mau cheiro.

A Rua Teófilo Braga, agora tão atractiva com a sua iluminação natalícia, também poderia merecer um pouco mais

de atenção, não só no que lhe respeita ao asseio, como aos «objectos» que por ela vemos distribuídos ou dependurados e que tão reprovável aspecto lhe oferecem.

E já agora, um voto para 1972, um pequenissimo voto para além de tudo o que de grande e valioso possa vir a ser feito, no decurso do ano, no sentido do progresso que para Vila Real de Santo António se deseja: que sejam, finalmente, avivadas as letras da «edificatória» do obelisco existente na Praça Marquês de Pombal.

S. P.

VOZ DOS CAMPOS

coordenação de António Gomes Firmino

A agricultura de grupo contribui para enfrentar a situação ingrata em que se encontram os agricultores. Para sobreviver, têm de produzir mais e melhor, com pouca mão-de-obra e um parque de máquinas complexo e caro, cujos encargos são crescentes. Só a cooperação pode atenuar estas dificuldades.

Se val adquirir um tractor, escolha um de marca garantida e robusto, de forma a que lhe facilite os trabalhos mais difíceis.

Quer se trate de médias ou grandes explorações agrícolas, um grande número de operações e práticas, como por exemplo, lavouras, trabalhos de roboque, sementeiras, pulverizações, etc., só poderão resultar economicamente e com resultados garantidos, se utilizar máquinas funcionais comprovadas.

Os titulares de carta de caçador deverão, para efeitos de revalidação, apresentar essa carta, acompanhada de um novo atestado médico, dentro do mês anterior àquele em que perfizerem 30, 40, 50 ou 60 anos. A partir desta idade, terão de o fazer de 5 em 5 anos.

A apresentação deverá ser feita na Câmara Municipal do concelho da residência habitual do interessado, ou, directamente, na respectiva comissão venatória regional. Considera-se sem validade a carta de caçador, cujo titular não tenha observado o prescrito. Nestas condições, o transgressor incorre nas sanções previstas no Regulamento da Caça, que incluem sempre multa (de 300\$00 a 2 000\$00) e, em determinados casos, prisão.

Recomenda-se, pois, a observância do que está estabelecido sobre a revalidação das cartas de caçador.

Os visitantes são, muitas vezes, os transportadores de graves doenças para o interior das explorações avícolas. Por isso, permita a entrada no seu aviário apenas às pessoas cujos sapatos foram previamente desinfectados.

....E TAMBÉM

Residencial Triângulo

QUARTEIRA

FOI PINTADO COM TINTAS

EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve

«ESTANTARTE» REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, Lda.

Rua Abbás Assencão, 14

Telex. 24707 FARO



Um «Matacão» ganhou 60 MIL CONTOS!

PARABÉNS, POIS, AOS QUE ACREDITARAM na recomendação da

CASA DA SORTE

que distribuiu precisamente num «matacão»

1 0 6 3

os 60 MILHÕES DO NATAL

e também os

2 0 0 0 CONTOS DO 3.º PRÉMIO — 12132

foram assim distribuídos em bilhetes com o Carimbo e a Marca da

CASA DA SORTE